

ARTIGO ORIGINAL

A pulsão de morte em Memórias do subsolo: uma leitura psicanalítica do homem do subsolo em Dostoiévski.

The Death Drive in Notes from Underground: A Psychoanalytic Reading of Dostoevsky's Underground Man

Brunno Khouri Delpin Borges¹ ORCID: [0009-0001-9228-7648](https://orcid.org/0009-0001-9228-7648)

¹ Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

borges.brunno@ufpr.br

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Recebido: 31/07/2026

Aprovado: 04/08/2026

Publicado: 05/09/2026

PALAVRAS-CHAVE

Dostoiévski; Memórias do subsolo; pulsão de morte; compulsão à repetição; psicanálise.

KEYWORDS

Dostoevsky; Notes from underground; death drive; repetition compulsion; psychoanalysis.

COMO CITAR

BORGES, Brunno Khouri Delpin. A pulsão de morte em Memórias do subsolo: uma leitura psicanalítica do homem do subsolo em Dostoiévski. Revista Forma, Curitiba, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.22390996>

RESUMO

Este artigo analisa a presença da pulsão de morte em Memórias do subsolo, de Fiódor Dostoiévski, a partir de uma leitura psicanalítica orientada principalmente pela formulação freudiana de Além do princípio do prazer. O objetivo é examinar de que modo a consciência hipertrofiada, o ressentimento, a repetição de experiências penosas e a satisfação paradoxal encontrada na própria degradação estruturam a experiência do homem do subsolo. O percurso parte da distinção entre princípio do prazer, compulsão à repetição e pulsão de morte; em seguida, considera a forma dialógica da autoconsciência do narrador e, por fim, analisa episódios em que sua agressividade se volta simultaneamente contra os outros e contra si. A leitura não pretende diagnosticar clinicamente a personagem nem afirmar uma influência anacrônica de Freud sobre Dostoiévski, mas utilizar a metapsicologia freudiana como instrumento interpretativo para explicitar uma dinâmica literária de repetição, autossabotagem e gozo no sofrimento.

ABSTRACT

This article analyzes the presence of the death drive in Fyodor Dostoevsky's Notes from Underground through a psychoanalytic reading guided primarily by Freud's formulation in Beyond the Pleasure Principle. Its aim is to examine how hypertrophied consciousness, resentment, the repetition of painful experiences, and the paradoxical satisfaction found in one's own degradation structure the experience of the underground man. The analysis begins with the distinction between the pleasure principle, repetition compulsion, and the death drive; it then considers the dialogical form of the narrator's self-consciousness and, finally, examines episodes in which his aggressiveness is directed simultaneously toward others and himself. This reading does not seek to clinically diagnose the character or to posit an anachronistic influence of Freud on Dostoevsky, but rather to employ Freudian metapsychology as an interpretative framework for elucidating a literary dynamic of repetition, self-sabotage, and enjoyment in suffering.

A pulsão de morte em Memórias do subsolo: uma leitura psicanalítica do homem do subsolo em Dostoiévski.

BRUNNO KHOURI DELPIN BORGES

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar, à luz da teoria freudiana, a presença da pulsão de morte em Memórias do subsolo, obra de Fiódor Dostoiévski publicada em 1864. A narrativa apresenta um herói sem nome, marcado pela contradição, pelo ressentimento e por uma consciência excessiva de si, que expõe suas escolhas, suas misérias e as consequências de sua própria autodestruição. O interesse da leitura não está em converter a personagem em um caso clínico, mas em observar como determinados movimentos da narrativa podem ser esclarecidos, retrospectivamente, por conceitos desenvolvidos pela psicanálise.

Memórias do subsolo é estruturada por uma narrativa confessional na qual o personagem-narrador se dirige diretamente a interlocutores imaginados para expor seus fracassos, humilhações e conflitos. O subsolo, nesse sentido, não funciona apenas como espaço físico ou social de isolamento, mas também como imagem da interioridade do personagem: um lugar de recolhimento, rancor, vergonha e repetição. Ele não relata simplesmente acontecimentos de sua vida; interpreta a si mesmo, acusa-se, justifica-se e antecipa constantemente a reação dos outros.

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. [...] Não, se não quero me tratar, é apenas de raiva. [...] sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém. Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 16).

A passagem já reúne elementos decisivos para o problema investigado. O homem do subsolo sabe que sua recusa ao tratamento não prejudica os médicos, mas somente a si próprio; ainda assim, insiste nela. Não se trata, portanto, de mera ignorância das consequências de seus atos. A consciência do dano coexiste com a manutenção deliberada daquilo que o faz sofrer. Essa relação paradoxal entre saber, sofrimento e insistência reaparece ao longo de toda a obra.

É nesse ponto que a narrativa pode ser aproximada da problemática freudiana da pulsão de morte. A aproximação exige, contudo, uma cautela conceitual: pulsão de morte não equivale a um desejo consciente de morrer e tampouco pode ser reduzida simplesmente à agressividade. Na tradição inaugurada por Freud, o conceito ganha importância justamente porque permite pensar fenômenos nos quais a economia psíquica não parece obedecer integralmente à busca de prazer, segurança ou conservação, sobretudo quando o sujeito repete experiências que lhe são penosas (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 83; PINTO, 2025, p. 6).

Dessa forma, o artigo realiza uma leitura bibliográfica e interpretativa em três movimentos. Primeiro, retoma-se a relação entre princípio do prazer, compulsão à repetição e pulsão de morte. Depois, examina-se a

consciência hipertrofiada do homem do subsolo e sua forma especificamente dialógica, com apoio em Bakhtin. Por fim, analisam-se a repetição do ressentimento, a procura da humilhação e a violência dirigida a si e aos outros, especialmente nos episódios do oficial, do jantar com Zvierkóv e da relação com Liza. A hipótese defendida é que o homem do subsolo oferece uma figura literária particularmente fecunda para pensar uma dinâmica na qual o sofrimento não é apenas padecido, mas repetido, cultivado e transformado em satisfação paradoxal.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A pulsão de morte em Freud

Para compreender essa hipótese, é necessário começar pela mudança introduzida por Freud em *Além do princípio do prazer*. O princípio do prazer designa, em linhas gerais, a tendência do aparelho psíquico a evitar o desprazer e buscar a redução das tensões. Entretanto, Freud se depara com fenômenos que tornam insuficiente a ideia de que toda a vida psíquica possa ser explicada por essa tendência. Pinto observa que a formulação de 1920 redimensiona a problemática econômica da psicanálise justamente porque a compulsão à repetição expõe situações em que experiências desprazerosas retornam sem que a busca imediata de prazer explique adequadamente o movimento (PINTO, 2025, p. 5-6).

Entre esses fenômenos, Freud destaca a repetição de experiências traumáticas. Em formulação recuperada por Pinto, a repetição compulsiva envolve a “volta [de] experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010, p. 179 apud PINTO, 2025, p. 6). Essa passagem é importante porque desloca a questão: não basta perguntar qual prazer oculto está sendo obtido, pois o próprio retorno do desprazer passa a exigir explicação. O problema deixa de ser apenas o conteúdo repetido e passa a incluir a força da própria repetição.

Laplanche e Pontalis situam essa noção no centro de *Além do princípio do prazer* e fornecem uma definição particularmente útil para a presente análise:

A) Ao nível da psicopatologia concreta, processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade. B) A compulsão à repetição na elaboração teórica de Freud é considerada um fator autônomo, irreduzível, em última análise, a uma dinâmica conflitual onde só entrasse o jogo conjugado do princípio de prazer e do princípio de realidade. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 83).

A definição ressalta dois pontos fundamentais. Primeiro, a repetição não é meramente passiva: o sujeito pode participar da recriação de situações penosas, ainda que não reconheça nelas a atualização de uma estrutura anterior. Segundo, esse mecanismo desafia uma explicação restrita ao princípio do prazer. É precisamente por esse caminho que a compulsão à repetição se articula à hipótese freudiana de uma pulsão de morte, isto é, a uma dimensão pulsional que não se deixa reduzir à busca consciente do bem-estar.

A pulsão de morte, entretanto, precisa ser distinguida da agressividade. Laplanche e Pontalis observam que os fatos

mobilizados por Freud para justificar sua introdução são, antes de tudo, fenômenos de compulsão à repetição; eles não se encontram seletivamente vinculados a comportamentos agressivos. Os autores também ressaltam que, no desenvolvimento posterior da teoria, ganham importância fenômenos de autoagressão, como certas formas de culpa e masoquismo, sem que isso autorize identificar a pulsão de morte simplesmente com toda e qualquer violência (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 12-13).

Essa precisão impede que a leitura do homem do subsolo se torne uma enumeração de atos hostis. Seu comportamento interessa menos por ser “mau” do que pela estrutura repetitiva que o sustenta. Ele retorna às ofensas, conserva o ressentimento, produz novas situações de humilhação e, em seguida, transforma essas situações em matéria para novas recriminações contra si mesmo. A agressividade aparece, assim, como uma das formas pelas quais essa dinâmica se manifesta, mas não esgota o problema.

Souza chama atenção para o caráter controverso da formulação freudiana, sobretudo quando a pulsão de morte é tomada em sua versão biologizante como tendência da vida a retornar ao inanimado. Na psicanálise posterior, o conceito recebeu reformulações diversas e nem sempre foi aceito em todos os seus pressupostos originais (SOUZA, 2021, p. 63-64). Para este artigo, não é necessário resolver essa controvérsia. Interessa sobretudo a dimensão econômica e repetitiva que a formulação de 1920 tornou visível: a existência de processos nos quais o sujeito não se dirige simplesmente para aquilo que lhe preserva ou proporciona prazer.

É nessa acepção restrita e interpretativamente controlada que o conceito será aplicado a Memórias do subsolo. O personagem não é lido como alguém que “quer morrer”, mas como alguém cuja experiência é organizada por retornos insistentes ao ressentimento, à vergonha e à autossabotagem. A pulsão de morte será, portanto, mobilizada como chave para compreender o fracasso repetido das ligações que poderiam deslocá-lo de seu subsolo e a estranha satisfação produzida pela própria repetição do sofrimento.

2.2 O homem do subsolo: consciência e autodestruição

No homem do subsolo, a autodestruição não decorre de falta de consciência. Ao contrário, a consciência é apresentada como excessiva, corrosiva e paralisante. O narrador afirma que “uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19). A formulação concentra um dos paradoxos centrais da obra: saber mais sobre si não produz necessariamente maior liberdade de ação. Em seu caso, a consciência multiplica objeções, antecipa julgamentos, desmonta cada motivo possível e converte a ação em ruminação.

O próprio narrador formula essa contradição quando admite que, justamente nos momentos em que percebia com maior nitidez aquilo que não deveria fazer, acabava realizando atos que considerava indignos. Quanto maior sua consciência do “belo e sublime”, mais profundamente afirma afundar-se no próprio lodo (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19-20). O conhecimento moral, portanto, não aparece como força suficiente para interromper o comportamento. Há uma cisão entre saber e agir que torna a consciência menos um instrumento de

transformação do que uma instância de vigilância e punição.

Brandão e Vaucher descrevem o narrador como um homem de pensamento e de consciência hipertrofiada, para quem agir é custoso. A personagem percebe os próprios dilemas, mas transforma repetidamente a reflexão em circuito fechado, de modo que a racionalidade não elimina a irracionalidade de seus atos (BRANDÃO; VAUCHER, 2021, p. 315-316). Essa leitura é especialmente útil porque mostra que a contradição não constitui um acidente da personalidade do herói; ela organiza sua forma de existir e de narrar.

Bakhtin permite avançar um passo, pois a consciência do homem do subsolo não é apenas excessiva: ela é dialogicamente constituída. A palavra do outro já está presente no interior de sua própria fala. Ao comentar o início da confissão, Bakhtin escreve:

Na confissão do “homem do subsolo”, o que nos impressiona acima de tudo é a dialogação interior extrema e patente: nela não há literalmente nenhuma palavra monologicamente firme, não-decomposta. Na primeira frase o herói já começa a crispar-se, a mudar de voz sob a influência da palavra antecipável do outro, com a qual ele entra em polêmica interior sumamente tensa desde o começo. (BAKHTIN, 2010, p. 319).

Essa dialogação explica por que o narrador parece incapaz de afirmar algo sem imediatamente corrigi-lo, ironizá-lo ou antecipar uma objeção. Ao dizer que é doente, mau e desagradável, ele já imagina o efeito de suas palavras e combate antecipadamente a compaixão do interlocutor. Para Bakhtin, a palavra do outro está invisivelmente presente e determina “de dentro para fora” o estilo do discurso do homem do subsolo (BAKHTIN, 2010, p. 319). A personagem, assim, não está sozinha nem mesmo quando se isola: carrega consigo um auditório imaginário contra o qual polemiza incessantemente.

Essa estrutura dialogal intensifica a autodestruição porque o outro não é apenas uma pessoa real; transforma-se em instância interiorizada de julgamento. O narrador quer ser reconhecido e, ao mesmo tempo, reage violentamente à possibilidade de depender desse reconhecimento. O episódio do oficial é exemplar. Depois de ser retirado do caminho sem sequer ser verdadeiramente notado, ele converte o gesto em uma ofensa duradoura, pesquisa a vida do homem, imagina vinganças e organiza um encontro em que pretende esbarrar nele “de igual para igual” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 63-70).

Brandão e Vaucher observam que a ferida decisiva desse episódio é a invisibilidade: o narrador não suporta não ser reconhecido pelo olhar do outro. Mesmo quando finalmente esbarra no oficial, sua suposta vitória depende de uma interpretação que ele próprio fabrica, pois o outro continua sem lhe conceder a importância desejada (BRANDÃO; VAUCHER, 2021, p. 317-318). O ressentimento preserva, desse modo, a ligação com quem o humilhou. A ofensa não termina quando o acontecimento passa; é conservada, reelaborada e convertida em parte da identidade do sujeito.

A consciência hipertrofiada possui, portanto, uma dupla função. Ela impede o narrador de agir com espontaneidade e, simultaneamente, fornece material infinito para que a ofensa continue viva. A reflexão não dissolve

o ressentimento; ela o aperfeiçoa. É nesse ponto que a aproximação com a compulsão à repetição se torna mais precisa: a personagem não apenas lembra do sofrimento, mas recria as condições para que ele continue operando no presente.

2.3 O prazer na dor: repetição, ressentimento e degradação

A passagem em que essa dinâmica aparece de maneira mais explícita é aquela em que o homem do subsolo descreve o prazer produzido pela própria degradação. Depois de admitir que realizava atos justamente quando sabia que não deveria realizá-los, ele relata o modo como retornava mentalmente às próprias ignomínias:

Envergonhava-me disso (e talvez me envergonhe ainda hoje); chegava a ponto de sentir certo prazerzinho secreto, anormal, ignobilzinho quando às vezes, em alguma horrível noite de Petersburgo, regressava ao meu cantinho e me punha a lembrar com esforço que, naquele dia, tornara a cometer uma ignomínia e que era impossível voltar atrás. Remordia-me então em segredo, dilacerava-me, rasgava-me e sugava-me, até que o amargor se transformasse, finalmente, em certa doçura vil, maldita e, depois, num prazer sério, decisivo! Sim, num prazer, num prazer! Insisto nisso. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 20).

A relevância desse trecho está no caráter processual da satisfação. O prazer não aparece apesar da dor, como compensação externa; ele surge do próprio trabalho de rememoração e autoacusação. O narrador retorna deliberadamente à ignomínia, remói o acontecimento e intensifica o sofrimento até convertê-lo em “doçura”. A degradação torna-se, assim, uma fonte paradoxal de satisfação. Isso aproxima de modo particularmente forte a personagem da problemática colocada por Freud: há algo na repetição do desprazer que não pode ser explicado apenas pela expectativa de um benefício racional.

O mesmo mecanismo surge na figura do “camundongo” de consciência hipertrofiada. Ofendido, ele se recolhe ao subsolo e conserva o agravo por décadas, acrescentando-lhe novos detalhes, imaginando cenários, recriando humilhações e recusando qualquer encerramento. O narrador chama esse estado de “consciente enterrar-se vivo” e afirma que justamente nele se encontra o “estranho prazer” de que falava (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 23-24). A repetição não é mero retorno involuntário da lembrança; é também um investimento contínuo na própria ferida.

A definição de compulsão à repetição oferecida por Laplanche e Pontalis ajuda a esclarecer o movimento. O sujeito se coloca novamente em situações penosas e as vive como se fossem inteiramente justificadas pelo presente (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 83-84). No homem do subsolo, cada nova situação possui motivos particulares, mas a estrutura se repete: ele deseja reconhecimento, antecipa a rejeição, age de modo a produzir conflito, sofre com o resultado e transforma esse sofrimento em nova justificativa para o ressentimento.

O jantar de despedida de Zvierkóv é um caso exemplar. O narrador não é convidado inicialmente, despreza Zvierkóv e sabe que sua presença entre antigos colegas tende a produzir humilhação. Mesmo sem dinheiro suficiente e percebendo a hostilidade do grupo, insiste em comparecer. Quando os outros o deixam de lado, permanece por horas andando pela sala e fazendo ruído com as botas, numa tentativa inútil de ser notado; depois, ainda os segue até

outro local, ampliando a própria exposição ao constrangimento (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 75-97; BRANDÃO; VAUCHER, 2021, p. 320-322).

O episódio mostra que o sofrimento não pode ser atribuído somente à crueldade alheia. O narrador participa ativamente da construção da situação que o fere. Isso não elimina a responsabilidade dos outros, mas impede que sua posição seja entendida apenas como a de uma vítima passiva. Ele sabe que a cena é hostil, poderia abandoná-la e, ainda assim, insiste. A permanência parece obedecer à mesma lógica já descrita no subsolo: quanto maior a humilhação, maior a matéria disponível para a ruminação posterior.

A relação com Liza desloca essa dinâmica para um ponto ainda mais radical, porque nela surge uma possibilidade concreta de vínculo afetivo. Depois de humilhado pelos antigos colegas, o narrador encontra Liza e assume diante dela uma posição de superioridade moral. Quando ela posteriormente vai à sua casa e o vê em sua precariedade, essa posição se desfaz. Ele reage confessando o mecanismo de sua violência: “Humilharam-me, e eu também queria humilhar” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 137). A frase explicita a circulação da agressividade: aquilo que foi sofrido é retransmitido ao outro.

Brandão e Vaucher observam que Liza acaba recebendo a violência que o homem do subsolo não consegue descarregar sobre Zvierkón e Apolón. Mesmo quando ela responde à crueldade com um abraço e ele próprio chora, a proximidade não se sustenta. O narrador volta a humilhá-la, trata-a como prostituta e lhe oferece dinheiro, destruindo justamente a possibilidade de relação que havia emergido (BRANDÃO; VAUCHER, 2021, p. 324-325; DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 137-143).

A cena permite compreender por que a pulsão de morte, nesta leitura, não se reduz à autoagressão isolada. A violência dirigida ao outro retorna imediatamente como empobrecimento das possibilidades do próprio sujeito. Ao ferir Liza, o narrador reafirma a condição que mais lamenta: seu isolamento. Destruir o vínculo significa também preservar o subsolo. A agressividade dirigida para fora e a autodestruição tornam-se, portanto, momentos de um mesmo circuito.

Laplanche e Pontalis lembram que, na última teoria das pulsões, a agressividade pode voltar-se tanto para o exterior quanto para o próprio sujeito e que a noção de pulsão de morte não deve ser confundida com um simples catálogo de condutas violentas (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 12-13). Aplicada ao romance, essa distinção permite perceber que o aspecto decisivo não é somente a crueldade do homem do subsolo, mas a insistência com que ele desorganiza suas próprias ligações, rompe oportunidades de reconhecimento e reconstrói as condições de seu sofrimento.

É nesse sentido que o subsolo deixa de ser apenas o lugar ao qual a personagem foi socialmente empurrada e passa a ser também o lugar ao qual ela retorna. O narrador deseja sair, procura os outros, quer ser reconhecido e imagina formas de proximidade; contudo, quando essas possibilidades surgem, sua lógica defensiva e ressentida frequentemente as desfaz. O movimento não é linear nem plenamente consciente. Ele é repetitivo: aproximação, ameaça ao orgulho, agressão, ruptura, culpa, ruminação e novo recolhimento.

A pulsão de morte oferece uma chave para nomear essa tendência sem transformar o romance em ilustração de uma teoria posterior. Dostoiévski constrói literariamente um sujeito que sabe que sofre, sabe que participa de seu sofrimento e ainda assim não consegue - ou não quer - abandonar o circuito. A psicanálise, décadas depois, fornecerá conceitos para pensar precisamente esse ponto em que a consciência e o interesse racional deixam de ser suficientes para explicar a conduta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura desenvolvida neste artigo procurou mostrar que o homem do subsolo pode ser interpretado, a partir da metapsicologia freudiana, como uma figura literária atravessada por uma dinâmica de repetição, autossabotagem e satisfação paradoxal no sofrimento. Essa aproximação não implica diagnosticar a personagem nem supor qualquer influência de Freud sobre uma obra publicada mais de meio século antes de *Além do princípio do prazer*. Trata-se de uma leitura retrospectiva, na qual o conceito psicanalítico funciona como instrumento para explicitar movimentos já inscritos na forma e na ação do narrador.

O primeiro resultado da análise foi a necessidade de distinguir pulsão de morte de um simples desejo de morrer ou de uma identificação imediata com a agressividade. A problemática freudiana emerge da insuficiência do princípio do prazer diante de fenômenos de repetição desprazerosa. A compulsão à repetição, nesse sentido, constitui uma mediação conceitual decisiva para a leitura de *Memórias do subsolo*, pois permite pensar a insistência do sujeito em situações que o ferem sem reduzir essa insistência a um cálculo consciente de vantagem.

O segundo resultado diz respeito à consciência hipertrofiada. O narrador não sofre por desconhecer a si mesmo; ele sofre também porque se observa incessantemente. Sua consciência é dialógica, atravessada pelo olhar antecipado do outro, como mostra Bakhtin, e transforma cada ação em ocasião para objeção, vergonha e autoacusação. Em vez de interromper a repetição, o saber frequentemente alimenta a ruminação e conserva a ofensa.

Por fim, a análise dos episódios do oficial, de Zvierkóv e de Liza mostrou que a repetição do sofrimento não permanece no plano interior. Ela organiza relações concretas. O homem do subsolo procura reconhecimento, mas produz situações que reiteram a exclusão; deseja proximidade, mas responde à vulnerabilidade com crueldade; sofre humilhações e, em seguida, busca humilhar. A agressividade dirigida aos outros retorna como destruição de suas próprias possibilidades de vínculo.

Assim, o ponto mais expressivo do romance para a presente interpretação está na transformação da dor em “prazer sério, decisivo”. A formulação de Dostoiévski impede uma oposição simples entre prazer e sofrimento e aproxima a experiência do narrador da questão freudiana de um além do princípio do prazer. O subsolo aparece, ao final, como espaço psíquico de uma repetição que o personagem simultaneamente denuncia e preserva: um lugar de sofrimento, mas também de uma satisfação obscura sem a qual ele parece incapaz de sustentar a própria identidade.

REFERÊNCIAS

AHO, Kevin. Dostoevsky, existential therapy, and modern rage: on the possibility of counseling the underground man. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 61, n. 5, p. 828-845, 2021. DOI: 10.1177/0022167819852234.

BRANDÃO, José Eduardo Fonseca; VAUCHER, Tanara Dourado Arejano. O “herói” demasiado humano de *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski. *RUS*, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 311-326, 2021. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.191524.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **FREUD, Sigmund.** *História de uma neurose infantil: “O homem dos lobos”; Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **FREUD, Sigmund.** *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RABEYRON, Thomas. Beyond the death drive: entropy and free energy. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 102, n. 5, p. 878-905, 2021. DOI: 10.1080/00207578.2021.1932514.

PINTO, Felipe M. Considerações sobre o conceito de pulsão de morte. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 37, e005, 2025.

SOUZA, Octavio. Quem acredita na pulsão de morte? *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 44, 2021.